

Leitura e professores: uma relação em crise

Prof. Dr. Gabriel Perissé¹
Nailton Santos de Matos²

Resumo: As práticas de leitura em ambiente escolar tem se revelado cada vez mais ineficazes. A formação de leitores competentes capazes de ir além da mera decodificação tem sido um grande desafio. O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade plena de participação social e política na sociedade, pois é por meio dela que os homens se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, refletem sobre sua própria experiência no mundo e produzem conhecimentos. Este artigo reflete sobre o papel do professor como leitor e agente formador de leitores a partir principalmente dos trabalhos de Ezequiel Theodoro da Silva e Michèle Petit.

Palavras Chave: Leitura. Formação de leitores. Cidadania. Autonomia.

Abstract: Reading practices in the school environment has proved increasingly ineffective. It has been a great challenge the formation of competent readers able to go beyond simple decoding has been a great challenge. The mastery of language is closely related to the possibility of full social and political participation in society, because it is through it that people communicate, access information, express and defend points of view, share or build world views reflect about their own experience in the world and produce knowledge. This article discusses on the teacher's role as reader and forming agent from readers using especially the works of Ezequiel Theodoro da Silva and Michèle Petit.

Keywords: Reading. Formation of readers. Citizenship. Autonomy.

*A leitura tem o poder de despertar em regiões que
estavam até então adormecidas
Michèle Petit*

Introdução

Embora se verifique nos últimos anos um crescente aumento de investimentos em acervos de qualidade com a finalidade de fomentar a leitura e estimular a formação de leitores, o que se tem verificado é que professores e alunos estão cada vez mais distantes de práticas significativas de leitura.

Segundo SANTOS; NETO e RÖSING (2009: 14),

Esse cenário, pode-se dizer, se deve, em grande parte, ao fato de professores, dirigentes de escola, responsáveis por bibliotecas escolares e municipais em número não definido, mas amplo, não estarem preparados para reconhecer a riqueza que esses materiais representam, nem de avaliar o quanto podem contribuir para a construção da interioridade daqueles que tiverem a oportunidade de manuseá-los. Não consideram o ato de ler como um processo de significação de textos representativos de distintos gêneros textuais,

¹ Doutor em Filosofia da Educação pela USP, Professor do Programa de Mestrado-Doutorado da Universidade Nove de Julho.

² Doutorando em Educação pela Universidade Nove de Julho e mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP.

entre os quais assumem importância ímpar os literários. Conseguem viver e sobreviver nos diferentes grupos a que pertencem sem terem consciência da necessidade de interpretar o que subjaz às linhas, nas entrelinhas, para se apropriar de ideias que possam contribuir significativamente no processo de constituição do sujeito enquanto leitor e, conseqüentemente, do cidadão leitor.

Constatações como esta tem sido muito comum por aqueles que têm se dedicado à questão da leitura e da formação do leitor. Não basta ter contato com acervos por melhores que sejam, é imprescindível ter contato com pessoas que façam da leitura um ato prazeroso e enriquecedor.

Professor: a questão da identidade

Segundo SILVA (2009: 23), “o cerne do desenvolvimento da identidade de um professor é, sem dúvida, a leitura. Para ele, a leitura constitui, além de instrumento e/ou prática, uma “forma de ser e de existir”. [...] Professor, sujeito que lê, e leitura, conduta profissional são termos indicotomizáveis – um nó que não se pode nem se deve desatar”.

Nesta dimensão do trabalho docente, fica evidente a impossibilidade do exercício profissional do professor dissociado de sua condição de leitor. A docência não é um dom, mas um ofício que envolve “a vivência e a incorporação de porções contínuas de leituras. O magistério, em termos de trabalho e de atualização, está calcada em experiências de leitura”. (SILVA, 2009, p. 26)

Sem estas experiências significativas, há uma grande limitação na atuação e na mediação do professor numa realidade que exige dele cada vez competências multifacetadas de leituras. Suas práticas de leitura devem prover sempre novos olhares sobre a realidade de modo que contenham em si mesmas uma dimensão política.

Para ser um agente formador de leitores, o professor deve invariavelmente ser leitor. Entretanto, o que se tem percebido frequentemente é a não consciência das deficiências leitoras por muitos destes professores. Isto pode ser facilmente verificado na inexistência de leituras ou a leitura de obras que não lhe oferecem nenhum grau de complexidade mais profunda. Essas leituras esporádicas feitas por muitos professores não enriquecem a sua experiência uma vez que não estabelece uma relação mais ampla com o contexto sócio-histórico-cultural em que ele está inserido.

O resultado disto, segundo SILVA (2009), é uma prática docente que tem como protagonistas pseudoleitores, desprovidos habilidades e de competências de leituras cujo quadro lamentável e vergonhoso será a completa estagnação intelectual.

É importante ainda se destacar que esta deficiência na formação do professor-leitor cujas conseqüências são facilmente percebidas nas práticas de leituras improdutivas na sala de aula, tem também origem nos cursos de graduação em Letras. Um olhar mais detalhado para a formação de leitores neste curso revela que a prática de leitura muitas vezes inexistente durante os anos de formação acadêmica.

É fundamental que cada professor perceba que seu ofício é intensamente permeado por práticas contínuas e complexas de leitura. Segundo LAJOLO (1985), se as relações do professor com os livros forem frágeis, grandes são as possibilidades de que sua atuação como agente formador de leitores deixe muito a desejar.

A formação do leitor e a leitura de literatura

Michéle Petit tem publicado trabalhos nos quais faz reflexões sobre a formação do leitor e os desafios daqueles que trabalham com a literatura. A seguir, retomaremos algumas questões, apresentadas por esta estudiosa, que podem enriquecer nossa compreensão sobre a identidade do professor e os desafios que este enfrenta para desenvolver programas de leituras junto aos estudantes.

Segunda a autora, em *A arte de ler*, a formação do leitor não se realiza com uma supervisão de pais, professores e profissionais da área que os convence da importância da leitura. Quando o professor impõe a leitura, destituindo o aluno do prazer da leitura, não há uma experiência saudável com o texto. Não há diálogo. Lê-se para mergulhar em dimensões profundas da alma. Lê-se para encontrar respostas que consigam dar sentido àquilo que não tem sentido nenhum.

Do nascimento à velhice, estamos sempre em busca de ecos do que vivemos de forma obscura, confusa, e que às vezes se revela, se explicita de forma luminosa, e se transforma, graças a uma história, um fragmento ou uma simples frase. E nossa sede de palavras, de elaboração simbólica, é tamanha que, com frequência, imaginamos assistir a esse retorno de um conhecimento sobre nós mesmos surgindo sabe-se lá de que estranhas fontes, redirecionando o texto lido a nosso bel-prazer, encontrando nele o que o autor nunca teria imaginado que o havia colocado. (PETIT, 2009, p. 112)

Esta experiência de leitura jamais pode ser imposta. O prazer do texto advém da função catalisadora da leitura que coloca o leitor num processo de síntese e de reflexão de sua própria experiência na direção de novas possibilidades de compreender a realidade que o circunda.

Mitos, contos, lendas, poesias, peças de teatro, romances que retratam as paixões humanas, os desejos e os medos ensinam às crianças, aos adolescentes, aos adultos também, não pelo raciocínio, mas por meio de uma decifração inconsciente, que aquilo que os assusta pertence a todos. São tantas as pontes lançadas entre o eu e os outros, tantos os vínculos entre a parte indizível de cada um e a que é mostrada aos outros.

A leitura significativa para um leitor é aquela que o coloca em estado de perda, aquela que o desconforta, que faz vacilar suas bases psicológicas, culturais e históricas, mesmo em contextos marginalizados.

Vale ressaltar que não é qualquer texto que é capaz de colocar o sujeito em xeque. O professor, como leitor experiente, deve ter experimentado este poder transformador e organizador da realidade que a leitura pode propiciar. É aqui que entra a necessidade de formação do professor. Não é qualquer texto que pode oferecer tal experiência. Cresce assustadoramente a quantidade de narrativas estereotipadas, repetidas à exaustão que não desafiam o leitor na atividade do pensar, do refletir.

A contribuição vital da leitura na adversidade, observada há muito tempo, não é portanto o apanágio daqueles que foram introduzidos precocemente nos usos da cultura escrita; tampouco é próprio de uma idade ou de certas gerações. Quando dispositivos do tipo que

evoquei existem, as crianças, os adolescentes, os adultos fazem uso de fragmentos de obras literárias para fundar um trabalho de construção ou reconstrução de si mesmos, ainda quando cresceram bem longe dos livros. (PETIT, 2009, p. 284)

O domínio da cultura escrita é condição essencial para o professor. Sem ela, é impossível se pensar no papel mediatizador do docente. Se o professor não se constitui leitor, como pensar em criar condições de desbloquear os alunos em relação à leitura. Não há como exercer plenamente a cidadania quando se inábil para se compreender os discursos e para se perceber como sujeito com voz ativa nos espaços públicos.

[..] compreendemos que a literatura, a cultura e a arte não são um suplemento para a lama, uma futilidade ou um monumento pomposo, mas algo de que nos apropriamos, que furtamos e que deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo de todo o caminho, para que possam servir-se dela quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar as suas experiências. Elaborar um espaço onde encontrar um lugar, viver tempos que sejam um pouco tranquilos, poéticos, criativos, e não apenas ser o objeto de avaliações em um universo produtivista. Conjuguar os diferentes universos culturais de que cada um participa. Tomar o seu lugar no devir compartilhado e entrar em relação com outros de modo menos violento, menos desencontrado, pacífico. (PETIT, 2009, p. 289)

É necessário que o professor enxergue a leitura como possibilidade de descoberta. O contato com a leitura literária deve sempre proporcionar desvelamento, resposta para o grande enigma da existência humana. Michèle Petit encerra o livro *A Arte de ler* afirmando que “a literatura não é uma experiência separada da vida; a literatura, a poesia e a arte estão também na vida; é preciso prestar atenção”. (p. 292)

Os jovens e a leitura - escola

Em *Os jovens e a leitura*, Petit discute também sobre o papel do professor na formação do leitor jovem. Em suas pesquisas, é recorrente a afirmação de jovens para o fato de que a escola tem sido um espaço desestimulador de leitura, uma vez que no ambiente escolar ler é sempre obrigação.

Estes jovens não veem o ato de ler como aprisionamento. Há uma atitude controladora, de dominação dos leitores. Os livros didáticos corroboram para esta visão quando controlam o modo como um texto deve ser lido, compreendido e interpretado.

O professor precisa entender que o ato de ler é sempre uma experiência de liberdade.

Na realidade, os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda alquimia da recepção. (PETIT, 2008, p. 26)

A recepção de um texto por seus leitores ultrapassa os limites impostos por uma única leitura autorizada. É fundamental que o professor se desvincule desta concepção controladora que tem caracterizado a leitura em ambiente escolar.

É necessário que a escola e os professores construam uma nova percepção da leitura e dos mecanismos que contribuem para formação do leitor.

O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo. (p. 29)

O leitor jovem precisa ver no ato de ler uma atividade libertária. A leitura desestrutura o mundo e as certezas do leitor, oferecendo-lhe outras possibilidades de enxergar sua própria experiência.

[...] ler permite ao leitor, às vezes, decifrar, às vezes, decifrar sua própria experiência. É o texto que “lê” o leitor, de certo modo é ele que o revela; é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar. (PETIT, 2008, p. 38)

Embora a leitura aparentemente pareça um ato de isolamento, de solidão, o texto insere o adolescente no mundo de forma diferente, colocando-o diante da realidade, exigindo dele uma posição crítico-reflexiva.

Michèle Petit aponta algumas razões para que a leitura seja estimulada pelos professores na escola. Os jovens precisam perceber na leitura uma prática necessária para sua inserção no mundo. A leitura oferece possibilidade de transformar sua experiência individual e social.

Segundo a autora, “a leitura é um meio para se ter acesso ao saber, aos conhecimentos formais” (p. 61). Desta forma, a leitura abre uma porta para o mundo de conhecimento produzido ao longo de séculos, nos colocando a par das múltiplas formas de compreender o mundo que a humanidade construiu.

O segundo aspecto destacado pela autora é que “a leitura é também uma via privilegiada para se ter acesso a um uso mais desenvolvido da língua” (p. 66). O hábito de ler coloca o leitor em contato com as várias possibilidades da língua. A leitura oferece várias maneiras de organizar o pensamento. “Ousar tomar a palavra, pegar a pena, são gestos próprios de uma cidadania ativa [...]”, afirma Petit (p.68).

O aspecto mais relevante destacado pela pesquisadora diz respeito ao valor qualitativo, formativo da leitura.

Porém, a habilidade desigual para servir-se da linguagem não pressagia somente uma posição mais ou menos elevada na ordem social. A linguagem não pode ser reduzida a um instrumento, tem a ver com a construção de nós mesmos enquanto sujeitos falantes. [...] o que determina a vida dos seres humanos é, em grande medida, o peso das palavras ou o peso de sua ausência.” (PETIT, 2008, p. 71)

Esta experiência enriquecedora não é possível com qualquer livro. A leitura de qualquer texto deve primar pelo quesito qualidade. Não é todo texto que é capaz de

tornar inteligível a nossa experiência caótica. Tal experiência não pode ser transformada em um dado numérico ou termos estatísticas.

[...] uma das dimensões essenciais da leitura, mencionadas com frequência pelos leitores quando relembram sua descoberta de textos: seu encontro com as palavras que lhes permitiram simbolizar suas experiências, dar sentido ao que viviam, construir-se. (PETIT, 2008, p. 78)

A autora aponta ainda outros dois aspectos muito interessantes: a leitura amplia nossos horizontes de referência e oferece novas formas de sociabilidade.

Ler, como vimos, é conhecer a experiência de homens e mulheres, daqui ou de outros lugares, de nossa época ou de épocas passadas, transcritas em palavras que podem nos ensinar muito sobre nós mesmos, sobre certas regiões de nós mesmos que ainda não havíamos explorado, ou que não havíamos conseguido expressar. Ao longo das páginas, experimentamos em nós, a um só tempo, a verdade mais subjetiva, mais íntima, e a humanidade compartilhada. (PETIT, 2008, p. 94)

Considerações finais

A percepção do que deve significar a leitura para o jovem precisa ocupar maior espaço nas reflexões escolares. Professores precisam se constituir leitores competentes a fim de que possam influenciar positivamente os discentes na sua inserção no mundo da escrita. Precisam ver nesta atividade uma chave imprescindível para o exercício da cidadania. No entanto, só um leitor experiente pode perceber a diferença entre uma leitura de pura distração, e entretenimento, de uma leitura transformadora, inquietante, que abala as certezas do sujeito, colocando em xeque seus valores individuais e os valores da sociedade.

O que está em jogo na leitura é a possibilidade de conduzir cada leitor, independentemente de sua faixa etária, ao exercício pleno de uma cidadania ativa que, segundo Michèle Petit, “não é algo que cai do céu, é algo que se constrói” (2008, p. 101).

Referências bibliográficas

- LAJOLO, Marisa. *O texto não é pretexto*. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- SANTOS, Fabiano dos; NETO, José C. Marques; RÖSING, Tania M. K. *Mediação de Leitura: discussão e alternativas para formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Formação de leitores literários: o professor leitor*. In: SANTOS, Fabiano dos; NETO, José C. Marques; RÖSING, Tania M. K. *Mediação de Leitura: discussão e alternativas para formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler*. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- _____. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Ed. 34, 2008

Recebido para publicação em 12-11-10; aceito em 25-11-10